

SÚMULA HISTÓRICA DO CAMPO BELO

Maria Aparecida Lacerda Duarte Weber

Resumo: *A monografia do Campo Belo, bairro da Capital de São Paulo, é aqui sintetizada em seus fatos históricos mais marcantes, assim como os seus aspectos gerais.*

Abstract: *The monograph of Campo Belo, a quarter of São Paulo's Chief town, is here resumed in their very important historical events, as well in their general aspects.*

Introdução

As monografias de bairro são, sem dúvida, parte integrante da história de uma cidade.

Elaboramos a monografia de Campo Belo, bairro este formado em terras santamarenses, no antigo *Virapuera*.

Fizemos dela uma síntese, abordando os elementos centrais da pesquisa que buscou cobrir, dos séculos XVII ao XX, através do estudo de uma grande propriedade rural. Da fragmentação desta formou-se o bairro em estudo.

Estes dados coletados e expostos, cremos, poderão servir como subsídio à elaboração do histórico de regiões vizinhas tais como o Brooklin Paulista, Brooklin Novo, Jardim Aeroporto e Parque Jabaquara, ao menos.

São considerados significativos e atuantes na gênese do bairro os valores culturais dos grupos humanos de língua alemã, ocupantes clássicos dos espaços em Campo Belo.

É bem extenso o rol das fontes pesquisadas para a elaboração da monografia do Campo Belo. Aqui estão sendo apresentadas apenas as principais delas que serviram de embasamento para a presente súmula.

É grande a quantidade de informações que, aqui, teremos de também omitir, mas, sem prejuízo do seqüencial, optamos pela divisão do tema em três momentos históricos a saber:

1. A GRANDE SESMARIA DE BRAZ RODRIGUES DE ARZÃO (1675 - 1832)

Sertanista intrépido e dinâmico, servidor da coroa portuguesa, Braz Rodrigues de Arzão, paulista, era o quinto filho do abastado Cornélio de Arzão, flamengo e Elvira Rodrigues Tenório de Aguillar, paulista.

De 1651 a 1681, Braz realizou inúmeras incursões, por várias regiões do Brasil, para pacificar ou prear índios. Nessas entradas paulistas ele figura com destaque. Também participou de expedições que partiram em busca de ouro, prata e pedras preciosas, vasculhando os sertões de São Paulo e Minas Gerais. Em 1680, enfrentou a fúria espanhola quando participou da fundação da Colônia do Sacramento.

Foi sargento-mor e capitão-mor na Bahia e, de volta a São Paulo, ocupou cargos de confiança; participou do governo da Vila de São Paulo. Administrou algumas minas, sendo superintendente de várias aldeias indígenas.

Sua competência e dedicação lhe valeram cartas elogiosas do Infante D. Pedro e recompensas feitas pelo rei de Portugal, D. João IV. Recebeu terras pastoris, escravos e outros benefícios. Entre as concessões, mereceu, em 1675, uma grande sesmaria no Caminho do Carro para Santo Amaro, junto das nascentes do ribeirão da Traição. Os limites desta eram o Caminho do Carro para Santo Amaro até o rio Pinheiros e o córrego do Cupecê até, possivelmente, o córrego Uberaba e a sesmaria dos Jesuítas em Santo Amaro.

Em 1677, paulistas chefiados por Braz Rodrigues de Arzão ameaçam de nova expulsão os jesuítas.

Cansado, em 1681, não participou de uma expedição para a qual fora convidado e que se dirigiria a Sabarabuçu. Irmãos e sobrinhos de Braz também se distinguiram nas incursões a Minas Gerais, Cuiabá e Mato Grosso.

Um mês antes de morrer, quase octogenário, Braz fez, a 12 de junho de 1692, seu testamento. Nele declarou-se nascido e residente na Vila de São Paulo, enfermo, mas lúcido. Declarou sua filiação, e os nomes de sua esposa, Maria Egipcíaca Domingues, de suas filhas e herdeiras legítimas, Maria Rodrigues, Maria Egipcíaca de Arzão e Maria de Arzão. Também citou seus genros: Gaspar de Brito Moreira, Jerônimo Machado e Manoel de Souza Pereira. Este último e sua esposa Maria de Arzão, foram testemunhas de seu testamento.

Como membro da Ordem Terceira de São Francisco, pediu que esta lhe dessa mortalha, “enterro sem pompa”, presença no enterro, e sepultura na Capela da Ordem Terceira de São Francisco, em São Paulo.

Sua filha Maria Egipcíaca de Arzão, casada com Jerônimo Machado, lhe dera duas netas: Angela Machado, casada com Manuel Pinto Guedes, Mariana Machado, casada com Estêvão Pimenta.

A 12 de julho de 1692 Braz faleceu. A partilha de seus bens foi feita a 15 de agosto de 1695. Sua esposa faleceu a 07 de fevereiro de 1702. No ano seguinte, as filhas de Braz receberam os bens deixados por sua mãe.

Em seu testamento, declara ter em mãos cartas de concessões e escrituras que provavam possuir muitas terras além da “sesmaria, dos capões que ficam entre o caminho do padre vigário Domingos Gomes e o nosso Caminho que vai para Santo Amaro”. Elas se distribuíam na região de Caucaia, terras no sertão compradas de Damião Simões e outras recebidas do sogro como dote e que eram próximas das de Damião Simões. Tinha também várias casas, oito índios e dois negros.

Coube ao padre João de Pontes certificar o enterro e entregar o rol de bens à esposa de Braz Rodrigues de Arzão.

De 1695 até 1742, a grande sesmaria esteve em mãos das filhas, genros e netos de Braz Rodrigues de Arzão. Dentro dela, no futuro, formar-se-á o bairro de Campo Belo.

Em 1742, vindo de Portugal para administrar o corte e a venda de carnes no Açougue Municipal de São Paulo, chegou o português João Esteves Correa. Ele se torna o proprietário das terras.

Após à morte do citado João Esteves Correa, por volta de 1780, seus herdeiros irão administrar a propriedade. Eram eles os Safino da Fonseca, João, Antonio e Manuel, seus netos e Manoel Safino de Arruda, seu bisneto.

João Esteves Correa foi pai de três mulheres. Seu único filho homem era padre e faleceu antes que seu pai se tornasse proprietário da grande sesmaria.

Em 1822, Manoel Safino de Arruda mandou construir a casa-grande, nas margens do córrego da Água Espreada. Foi a primeira casa construída dentro do futuro Brooklin Paulista. Ele administrava as terras para seu pai.



Foto 1 - Vista do córrego Água Espraiada, um dos limites do Campo Belo, mostrando a antiga ponte da Rua Barão de Jaceguai.

2. A FRAGMENTAÇÃO DA PROPRIEDADE E A PRESENÇA DOS MORAES E DOS VIEIRA DE MORAES (1832 - 1931)

Em 1832, Manoel Safino de Arruda deu início à fragmentação da grande propriedade rural ao vender terras, junto do córrego do Cordeiro (Cupecê), a João José de Jesus Collaço.

Em 1834, Manuel Safino de Arruda, vendeu outra parte da propriedade, situada junto dos córregos da Água Espraiada, Traição e Invernada. A casa-grande, foi adquirida juntamente com as terras. Estas foram leiloadas em hasta pública a 18 de junho de 1834. Quem as arrematou foi o santamarense Capitão Manoel José de Moraes, grande proprietário de terras, dono de múltiplos negócios, Capitão da Guarda Nacional, vereador em Itapecerica da Serra e grande amigo da família imperial brasileira. Tornar-se-ia o primeiro prefeito nomeado de Santo Amaro. Era poderoso, abastado e influente.

Em 1837, quando sua filha Rosa Emília se casou com o primo, o tenente José Manoel Vieira de Moraes, a propriedade foi dada como dote ao casal. Este, nela residiria por vinte anos, de 1837 a 1857 e, nela nasceriam seus seis filhos.

José Manoel Vieira de Moraes é tronco da família Vieira de Moraes.

O casal vendeu parte de suas terras, incluindo a casa-grande, ao alemão

Carlos Klein.

Em 1872, já viúva, Rosa Emília vendeu mais outras partes do Sítio Traição, deixando ainda 450 ha para seus herdeiros, por sua morte ocorrida a 13 de setembro de 1911, em Pirassununga, na casa de seu primogênito Manoel Jacyntho Vieira de Moraes.

Foram seus herdeiros seus filhos Manoel Jacyntho, Jacyntho, Ricardo e Brazilina, bem como seus netos, filhos de Cândido e Amélia, falecidos.

As terras vendidas por Rosa Emília situavam-se no espigão onde hoje existe o Aeroporto de São Paulo (Aeroporto de Congonhas). Estendiam-se elas do atual bairro de Campo Belo até o Jabaquara e foram adquiridas por Antonio Elias Pacheco Chaves.

Em 1886, a ferrovia do engenheiro Alberto Kuhlmann valorizou a região ao ligar São Paulo a Santo Amaro.

Em 1887, tornam-se herdeiros das terras, os filhos de Carlos e Catharina Norgang Klein, Paulo, Libório e João, nascidos e criados no Sítio Traição; este fora formado pelos herdeiros de João Esteves Correa, dentro da sesmaria de Braz Rodrigues de Arzão, já fragmentada.

Em 1889, João Klein reformou a casa-grande que já tinha, então, setenta e sete anos de existência.

Em 1900, a Light & Power Co. adquiriu a ferrovia de Alberto Kuhlmann que circularia até 1913, quando um bonde elétrico, com outro percurso, circularia, entre São Paulo e Santo Amaro até 1968. Era o Caminho Novo.

Em 1919, Paulo Klein vendeu parte de suas terras, na região do córrego do Cordeiro (Cupecê), para Júlio e Amilda Klauning. Estes, no ano seguinte, venderam parte delas a Álvaro Rodrigues, Afonso de Oliveira Santos e a José Ermínio de Moraes do Grupo Votorantim.

Em 1921, Júlio Klauning e o Grupo Votorantim requereram à Câmara Municipal de Santo Amaro, fossem autorizados a lotear suas propriedades; foram atendidos.

A região era então conhecida como Volta Redonda, mas, conforme sugestão do Grupo Votorantim, tornou-se conhecida como Brooklin Paulista, embora esta denominação não tenha sido aprovada pela Câmara Municipal de Santo Amaro.

A presença do bonde elétrico acenava promessa de desenvolvimento na região. A família Vieira de Moraes sensível, ao futuro promissor e sendo proprietária de muitos terrenos na região conhecida como Piraquara, dentro do Brooklin Paulista, obteve aprovação da Câmara Municipal de Santo Amaro para lotear suas terras, criando um novo bairro desmembrado do Brooklin Paulista. A 29 de maio de 1931, foi aprovada a planta e arruamento das terras que passaram

a constituir o bairro de Campo Belo. Fora loteador o Dr. João Manoel Vieira de Moraes, filho de Manoel Jacyntho Vieira de Moraes.

3. O BAIRRO: SUA FORMAÇÃO E SUAS TRANSFORMAÇÕES (1931 - 1999)

Antes de analisarmos a formação e as transformações do bairro que nascia, serão registradas aqui algumas notas biográficas do Capitão Manuel José de Moraes, cujos descendentes foram responsáveis pela existência do bairro de Campo Belo, por mim historiado.

Filho único de Anastácio e Anna de Moraes de Camargo, nasceu e foi batizado em Santo Amaro, em 1783. É a oitava geração, em linha direta de Baltazar Moraes Anta e Brites Rodrigues Annes; estes últimos viveram em São Paulo onde Baltazar era Juiz Ordinário.

Conforme os linhagistas, os Moraes descendem do primeiro rei visigodo Ataulfo, o que lhes dá raiz aristocrática hispano-visigoda. Alguns dos Moraes, mudaram-se para Portugal.

Manoel José de Moraes viveu oitenta e quatro anos, dos quais dois terços, foram vividos em Itapecerica da Serra, onde faleceu a 25 de outubro de 1867, repentinamente.

Foi sepultado no cemitério da Igreja Matriz de N. S.^a dos Prazeres em Itapecerica da Serra.

Aos 27 anos de idade, quando se casou com sua prima Anna Rosa de Moraes, a 18 de janeiro de 1810, em Santo Amaro, já era cerealista conhecido e Alferes da Guarda Nacional Municipal de Santo Amaro. Manoel José e Anna Rosa foram pais de Benta, Anna Justina, Rosa Emília, Antonio, Manoel e Maria.



Foto 2 - Comendador *Manoel José de Moraes*, primeiro prefeito nomeado de Santo Amaro em 1835.

O perfil do ilustre santamarense revela seu dinamismo, responsabilidade, caráter digno, preocupação com o bem comum e uma visão moderna do mundo, sendo idealista e culto.

Em seu desempenho como homem público, percebem-se as qualidades e seu preparo no exercício de múltiplas funções.

Como amigo pessoal da família imperial brasileira, era da aristocracia rural, conservador e monarquista ferrenho. Em 1842, conflitou com os liberais Pe. Diogo Antonio Feijó e o brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar ao combater o

golpe liberal tramado por esses. Por essa prova de lealdade recebeu uma comenda das mãos do próprio imperador D. Pedro II.

Era grande proprietário de terras em Santo Amaro e residia na fazenda situada nas margens do rio Boimirim, em Itapecerica da Serra. Conforme a crônica de seu tempo era considerado “gente grossa de grandes e múltiplos negócios”. Negociante, era obrigado a fazer muitas viagens pelo interior da Província e às Províncias mais distantes.

No século XIX, os cargos públicos eram ocupados por nomeação e dados a pessoas de confiança, competentes, íntegras; eram pouquíssimos os qualificados como elegíveis e eleitores. Nesse contexto incluía-se o Capitão Manuel José de Moraes que, desde 1830, era vereador e Juiz de Paz em Itapecerica da Serra, onde cuidou do saneamento básico, da vacinação contra varíola, determinando a limpeza, fechamento de terrenos baldios, calçamento de ruas e conserto de pontes. A 13 de outubro de 1835, foi nomeado como primeiro prefeito, em São Paulo, para Santo Amaro.

Em Santo Amaro, foi vereador até 1844 e, a 23 de julho de 1839, foi nomeado para o cargo de Juiz Interino Municipal em Santo Amaro.

De 7 de janeiro de 1844 a 7 de janeiro de 1865 ele ocupou, por seis vezes consecutivas, o cargo de presidente eleito da Câmara Municipal de Santo Amaro, tendo se afastado da vereança em Itapecerica da Serra.

De 1844 a 1847, cuidou, com esmero, da educação pública e privada na citada região.

Em 1848, foi nomeado Delegado de Polícia em Santo Amaro e, no ano seguinte, reorganizou a Guarda Nacional Municipal Santamarense.

Em 1851, foi nomeado Juiz de Paz em Santo Amaro e, no ano seguinte, Inspetor do 67.º Distrito da Vila de Santo Amaro.

De 1856 a 1857, foi responsável pelo projeto de construção do primeiro cemitério e do conserto da Igreja Matriz, ambos em Itapecerica da Serra. Em 1860, foi nomeado Juiz de Paz nessa vila.

A 30 de dezembro de 1859, faleceu sua esposa. Ele continuou em suas atividades até 7 de janeiro de 1867, quando, doente e cansado, deixou a Câmara Municipal de Santo Amaro a cargo de seu genro, o tenente José Manoel Vieira de Mores, que lá permaneceu até 7 de janeiro de 1869. Este era citado como “pessoa de envergadura”.

José Manoel Vieira de Moraes viveu por 20 anos com sua família no Sítio Traição e se mantinha também com a criação de burros destinados às tropas que cortavam a região com destino a Santos. O casal José Manoel e Rosa Emília teve seis filhos que nasceram e se criaram no casarão da propriedade e que fora construído, conforme foi dito, por Manoel Safino de Arruda, em 1822 e depois

reformado pelos Klein em 1889.

Manoel José de Moraes deu início à saga da família Vieira de Moraes em um pedaço da antiga sesmaria de Braz Rodrigues de Arzão, na qual surgiria mais tarde o bairro de Campo Belo.

No lapso compreendido entre 1921 a 1999, esta região em estudo apresenta dois períodos:

I. Período Piraquara (1921 - 1931)

Este período antecedeu à oficialização do bairro que era ainda parte integrante do Brooklin Paulista que se formava. A este período chamamos de *Piraquara*, pois esta era a designação então também usada para indicar a parada do bonde elétrico que indo para Santo Amaro, cortava as terras do futuro bairro. O nome era usado pelos poucos habitantes daquela parada, para situar seus endereços.

Havia referências também à *Casa da Força* (Light) e ao *4.º Desvio* (dos bondes).

Há registros documentais que provam a presença de inúmeras famílias pioneiras, que nos anos vinte, já residiam na Piraquara. Na maioria descendiam de alemães ou eram alemães recém-chegados da Europa. Sendo estes maioria, marcaram o período com seus costumes.

II. Período do Campo Belo (1931 a 1999)

Quando o bairro, loteado e batizado, recebeu o nome de Campo Belo, terá ele, de 1920 a 1940, uma vida suburbana, tranqüila e, com a predominância dos moradores germânicos. Nesse tempo inaugura-se uma cidade cinematográfica na região.

De 1950 a 1970, com a chegada de famílias de raiz italiana, portuguesa e espanhola, dilui-se a predominância alemã e surgem novos usos e costumes. Foi a época do futebol de várzea, da bocha e dos clubes.

Nos anos 50, funda-se a Paróquia de N. S.^a de Guadalupe indicando que não havia mais a presença marcante dos luteranos. Surgem novas moradias diferentes daquelas mais antigas que tinham ares mais europeus. Formam-se as favelas nos vales do Traição e do Água Espraiada, abrem-se as primeiras escolas, privadas e públicas, muito diferentes da escola alemã fundada pelo pastor Heinrich Stremme, para as crianças da Piraquara.

A infra-estrutura ainda não estava completa. Muitas ruas ainda não estavam pavimentadas nem iluminadas. A rede de águas e esgoto estava sendo implantada. Poucas linhas de ônibus serviam a região e poucos moradores tinham

carro. O comércio era pequeno e havia sossego na região.

Dos anos setenta em diante, o progresso chegou depressa e a tudo mudou de forma implacável.

Grande parte das indústrias saiu do bairro, o comércio cresceu e se sofisticou para atender a uma clientela elegante e exigente que veio residir nos modernos edifícios que verticalizaram o bairro, pondo a baixo dezenas de casarões e conjuntos residenciais.

Campo Belo seguia o caminho comum dos bairros residenciais paulistanos do final do século XX.

A Rua Vieira de Moraes, uma homenagem da família ao avô Manoel Jacyntho Vieira de Moraes, pai de quinze filhos que lhe deram numerosa descendência, tornou-se uma via comercial que, paulatinamente, foi se refinando. Os estabelecimentos apresentavam um comércio diversificado, que não tardou, nas décadas seguintes, a se espalhar pelas ruas adjacentes. O bairro se tornaria quase que auto-suficiente nas décadas de 80 e 90, quando também, edifícios de alto padrão valorizariam cada vez mais as moradias na região.

Nos anos 90, com inúmeras escolas privadas e três escolas públicas, o bairro procurou atender ao crescente número de jovens nele residentes. O Hospital Evaldo Foz e a abertura de inúmeras clínicas de diversas especialidades, assim como um posto de saúde municipal foram instalados no bairro.

O sossego acabou. As ruas tiveram seu trânsito intensificado, sobre tudo após à abertura da Avenida Água Espraiada, onde as favelas vem se instalando novamente.

Muitos supermercados, assim como as feiras livres e sacolões, facilitam o cotidiano das famílias.

O século XX termina com a construção de “lofts” sofisticados, condomínios horizontais, bem como de dois moderníssimos hotéis para dar suporte aos viajantes que utilizam o Aeroporto de Congonhas.

A beleza do bairro permanece, mas a paisagem natural, singela e suburbana, evidentemente, desapareceu substituída por um paisagismo traçado por especialistas. É o século XXI chegando.

Concluo aqui, sem grandes pretensões, o resumo histórico de um pequeno espaço desta grande cidade prestes a festejar seus quatrocentos e cinquenta anos.

Fontes Consultadas

AVELLAR FERNANDES, José. Os Moraes de São Paulo. Anuário Genealógico Latino. São Paulo, v.IV, p. 65-77, 1952.

AZEVEDO MARQUES, Manuel Eufrásio de. Apontamentos Históricos da Provín-

- cia de São Paulo. 1.^a edição. São Paulo: Martins, 1954. Bibliografia Histórica Paulista. v.I, p. 205-6.
- COMISSÃO DO IVº CENTENÁRIO DA CIDADE DE SÃO PAULO. Dicionário de bandeirantes e sertanistas do Brasil. 1954, p. 38-41.
- DEPARTAMENTO DE CULTURA DA PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. Arquivo Municipal Washington Luiz. v.I a IV e XVI.
- LEITE, Aureliano. História de São Paulo. São Paulo: Martins, 1944, p. 21-8.
- MONTEIRO, Zenon Fleury. Reconstituição do Caminho do Carro para Santo Amaro. São Paulo: [s.n.], 1943.
- PAES LEME, Pedro Taques de Almeida. Notícias das minas de São Paulo e sertões da mesma capitania. São Paulo: EDUSP, [s.d.], v.27. Coleção Reconquista do Brasil.
- SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA. ARQUIVO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Inventários e Testamentos publicados. São Paulo: DAESP. v.23.
- SILVA LEME, Luiz Gonzaga da. Genealogia Paulistana. São Paulo: Duprat, 1903, v.7.
- LIVROS DE REGISTRO. Atas da Câmara Municipal de Santo Amaro (1833-1933). *In totum*. Arquivo Municipal Washington Luiz - AMWL- PMSP.
- _____. Dispensas Matrimoniais e Casamentos. v.5,6 e 8. Santo Amaro /SP - ACMSP.
- _____. Casamentos de Itapeçerica da Serra / SP (1805-1875). v. 2, 3 e 4. ACMSP.
- _____. Óbitos de Itapeçerica da Serra / SP (1857-1871). ACMSP.
- PAPÉIS SEM VERIFICAÇÃO. Câmara Municipal de Santo Amaro. Caixas 01 a 56 (1835-1949): *In totum*. AHMWL.
- AUTO DE INVENTÁRIO. Rosa Emília de Moraes. 1.º Tab. Notas da Câmara de Pirassununga / SP.
- SÉRIE DE ENTREVISTAS. Fichas 01 - 168, (1976-2003). Campo Belo / SP / Capital.
- FOTOS: Álbum do Campo Belo. Sérgio Weber.